

Arte, política e memória: a relação dos moradores da cidade de São Paulo com alguns de seus monumentos

Rodrigo Vicente Rodrigues¹

 0000-0003-3879-9500

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 17, 2023. **Atas do XVII Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 17, 2023.

DOI: 10.20396/eha.17.2023.11719

Resumo

A presente pesquisa tentou delinear alguns dados sobre a relação entre moradores de São Paulo e 6 de seus monumentos. Para isso, foram feitas entrevistas presenciais com pessoas que passavam por eles, no período de julho a outubro de 2023, tendo-lhes sido também perguntado sobre as outras cinco obras que perfazem o corpus analisado, além de seus dados pessoais, de forma anônima. Tratou-se de 3 obras que representam o discurso “oficial” e 3 que representam minorias, verificando-se a relação entre memória, representatividade, valor estético/histórico e a formação socioeconômica dos respondentes.

Palavras-chave: Monumentos. Representatividade. Memória. Obras de arte pública.

¹ Mestre e Doutorando em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo.

Introdução

A comunicação intitulada “Arte, política e memória: a relação dos moradores da cidade de São Paulo com alguns de seus monumentos” e apresentada no XVII Encontro da História da Arte poderia portar também no título termos como *disputa*, *representatividade*, *narrativas*, *leituras a contrapelo*, entre vários outros. Isso se dá porque a obra de arte que figura no espaço público, apesar de ser vista muitas vezes como algo uno e cuja representatividade e valor seriam compartilhados pela coletividade, no mais das vezes não o é, de modo que a presente pesquisa tentou, de forma extremamente limitada e mesmo despretensiosa, traçar algumas relações entre um número amostral pequeno de moradores da cidade de São Paulo e alguns de seus monumentos.

Obviamente, não se quis, com isso, chegar a conclusões sobre algo tão complexo como a representatividade e as disputas entre narrativas de diferentes grupos sociais entre si ou entre esses grupos e o discurso “oficial”, mas delinear dados que podem apontar caminhos para pesquisas ulteriores e mais aprofundadas. Assim sendo, aqui serão apontados alguns dados quantitativos a que se chegou e algumas considerações interpretativas acerca deles.

O estudo teve um caráter exploratório e partiu de entrevistas presenciais com pessoas/transeuntes que passavam pelos locais em que estão localizados os monumentos que compõem o *corpus* da pesquisa, o que foi feito de forma aleatória, isto é, a partir dos primeiros respondentes dispostos a participarem da enquete. Foram escolhidos seis monumentos da cidade de São Paulo e que se encontram no espaço público. A escolha das obras foi pautada por eles representarem ou a corroboração do discurso hegemônico/oficial (sobretudo quando do IV Centenário) ou as ditas minorias – negros e indígenas –, ainda que a representação destes pela via do poder público também esteja calcada em discursos que muitas vezes não problematizam a realidade. Ademais, todas as obras são representações humanas, sendo elas:

- Monumento a Pedro Álvares Cabral – da Rocha/Marrone – Ibirapuera
- Mãe Preta – Júlio Guerra – Largo do Paissandu
- Estátua de Borba Gato – Júlio Guerra – Santo Amaro
- Estátua de Anhanguera – Luigi Brizzolara – Avenida Paulista
- Herma de Luiz Gama – Yolando Mallozzi – Largo do Arouche
- Índio Caçador – João Batista Ferri – Rua Vieira de Carvalho

Foram levantadas informações sobre a formação socioeconômica dos respondentes, local em que residem e posição política, entre outras informações que foram consideradas relevantes e que serão citadas no decorrer deste texto. De modo geral, fizeram-se perguntas aos transeuntes quanto ao significado que a obra poderia ter e como isso reverberava neles. As perguntas visavam a verificar se as pessoas dotam esses monumentos de valor estético, histórico e/ou político, quais consideram mais importantes e quais seriam menos importantes.

Como a pesquisa quis verificar também qual era a relação das pessoas com obras que não estavam próximas a elas, isto é, a questão da memória quanto a esses monumentos públicos e muitas vezes cantados pelo poder oficial e propagados pelas mídias, além das perguntas relativas à obra presente, aos entrevistados também foram mostradas imagens, impressas em papel couchê, das outras 5 obras que perfazem o *corpus* analisado.

Para quem trabalha com pesquisas de dados estatísticos, fica claro que há muitas circunstâncias que influenciam nos dados coletados. Assim sendo, sublinha-se que há grandes limitações na pesquisa, às quais nos atentamos e sabemos existir. Entre elas, podemos supor que deve haver diferenças substanciais entre o modo como as pessoas enxergam o monumento “real” e como enxergam as fotografias, pois uma pessoa com dificuldade para enxergar de perto pode interpretar melhor um grande monumento do que as fotografias; de mesmo modo, uma pessoa com miopia teria que aproximar-se da estátua para poder julgá-la; acrescenta-se a isso variáveis como o teor de luz solar que incidia sobre as fotografias, o reflexo que o papel couchê poderia apresentar e questões pessoais dos próprios entrevistados, como seu nível de pressa, disponibilidade para contribuir com a pesquisa ou mesmo o nível de interesse no tema dela; também é algo muito provável que as últimas imagens vistas numa sequência de cinco tenham despertado menos interesse do que as primeiras a serem vistas ou mesmo do que o monumento real.

Acrescenta-se a isso que é fato sabido que correlação não indica causalidade, dado que existem dados correlacionais que se mostram engraçados ou estapafúrdios². Contudo, não se quer afirmar que isso invalide de todo os dados coletados, mas sublinhar que eles representam possíveis caminhos para investigação mais aprofundada.

² Existem até mesmo sites que compilam dados com correlações engraçadas, como os gastos de pesquisa científica, tecnológica e espacial dos EUA comparados com a taxa de suicídios ou o número de pessoas afogadas em piscinas x o número de filmes de Nicolas Cage. Veja-se: <https://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2014/05/site-traz-graficos-que-mostram-correlacoes-absurdas.html>. Acesso em: 13 mar. 2024.

O número amostral foi de 60 pessoas; cada uma foi entrevistada no local em que se encontrava um dos monumentos, enquanto as outras obras foram-lhe apresentadas através das montagens de fotografias. Assim, em cada um dos 6 monumentos foram entrevistadas 10 pessoas, perfazendo 60 no total. Obtiveram-se assim dados individuais em relação a cada monumento e dados gerais coletados com todos eles.

Obras e perguntas

Como mencionado acima, a pesquisa buscou selecionar um número par de obras, para que cada metade do *corpus* pudesse ser mais facilmente relacionada ou ao discurso hegemônico/oficial, de clara compleição escravocrata, patriarcal, misógina e branca, ou a figuras que representam as ditas minorias subjugadas por esse discurso que parte das classes dominantes e que ecoou e ecoa a formação colonial e escravagista do Brasil até os dias de hoje. Nesse sentido, todas as obras do *corpus* representam figuras humanas e individuais (excluíram-se obras de grupos de pessoas, como o *Monumento às bandeiras*, muito evocado nesse tipo de discussão), algumas delas de personagens reais, outras de forma mais generalista.

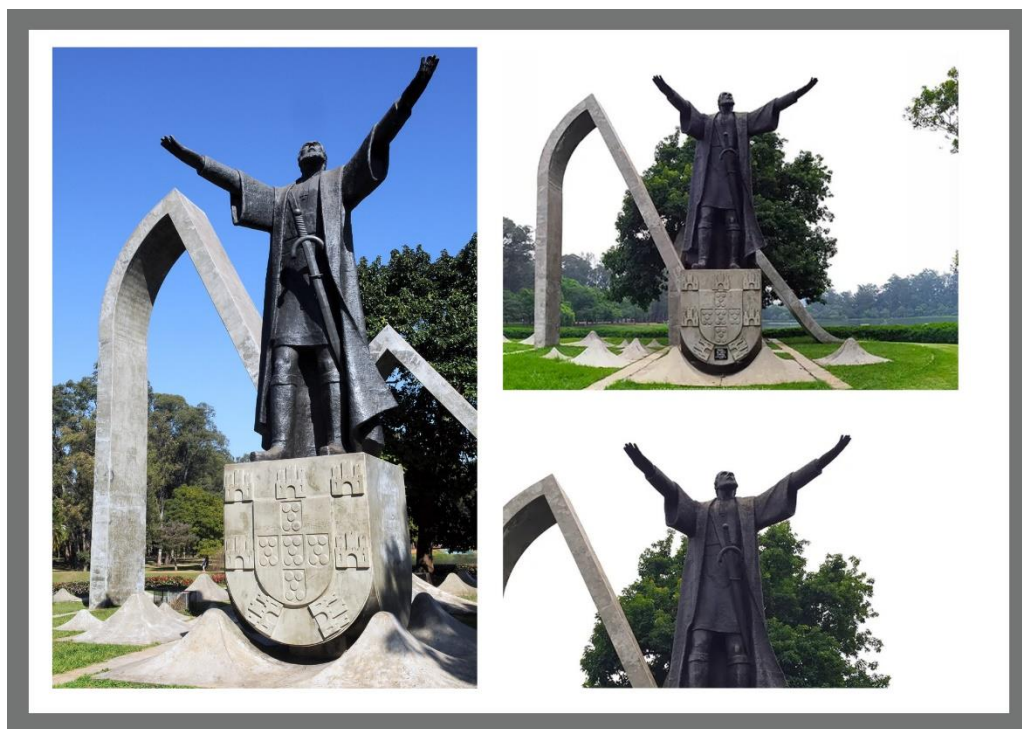
As obras selecionadas foram: o monumento erigido ao Anhanguera [Figura 1], bandeirante, e que se encontra na Avenida Paulista em frente ao Parque Tenente Siqueira de Campos (Parque Trianon); a estátua do Borba Gato [Figura 2], também bandeirante, atuante na região de Santo Amaro, e que se encontra nesse bairro; o Monumento a Pedro Álvares Cabral [Figura 3], com suas insígnias portuguesas e que margeia o Parque do Ibirapuera em posição imponente; paralelamente a essas figuras brancas e caras ao discurso oficial, colocaram-se três imagens das classes subjugadas: o Monumento à Mãe Preta [Figura 4], localizado no Largo do Paissandu em frente à nova Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e que incorpora a maternidade e também a figura da ama de leite; o Índio Caçador [Figura 5], figura de um indígena preparando-se para atacar com uma lança o animal a ser caçado e que se localiza nos arredores da Praça da República; e a herma de Luiz Gama [Figura 6], advogado abolicionista de enorme importância na luta pelos direitos dos escravizados, ex-escravizados e seus descendentes, localizado no Largo do Arouche.

**Figura 1:**

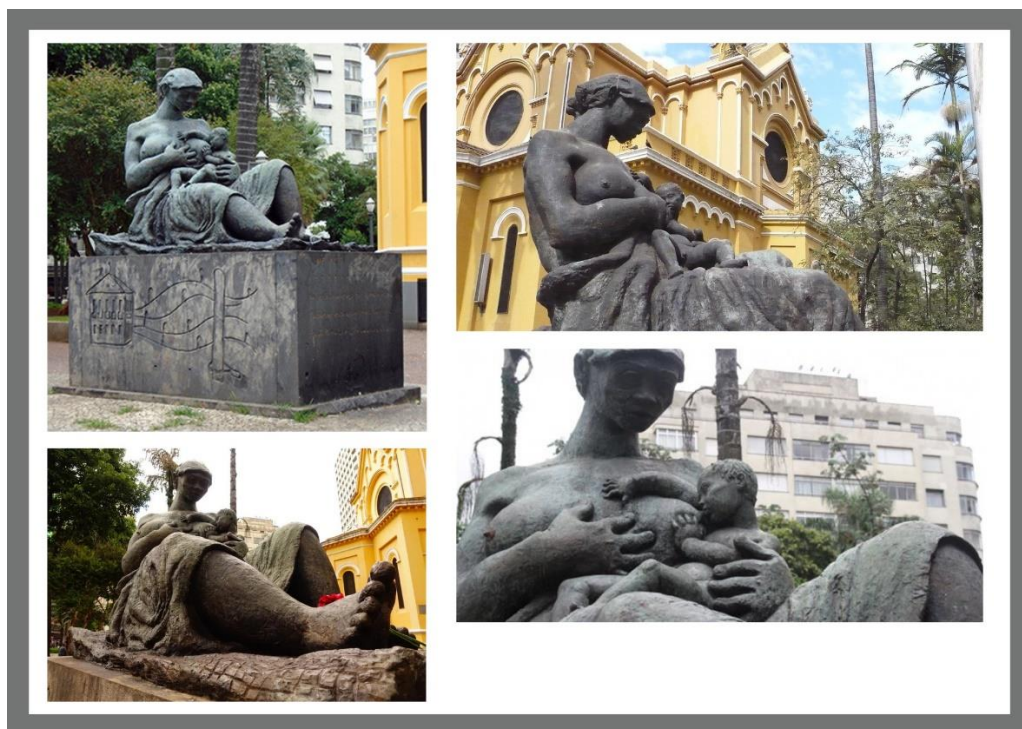
Luigi Brizzolara, **Anhanguera**, 1924. Mármore, Avenida Paulista, São Paulo. Em sentido horário, créditos a Alesp; Alesp e G1.

**Figura 2:**

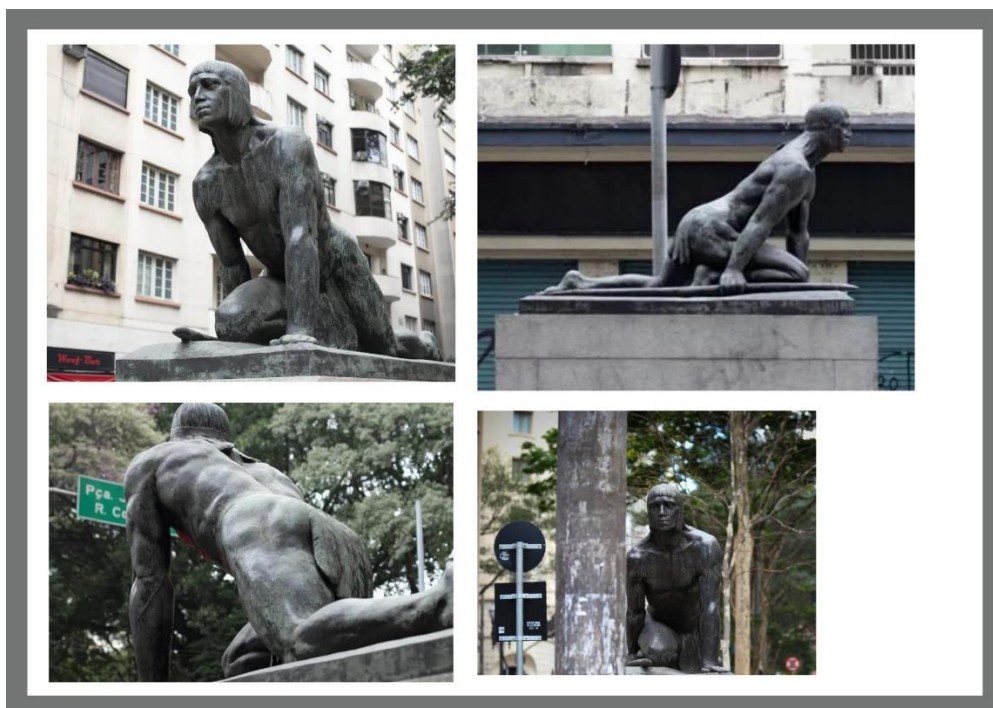
Júlio Guerra, **Borba Gato**, 1963. Concreto revestido com pastilhas de pedra, Avenida Santo Amaro, São Paulo. Em sentido horário, créditos a Alesp; Demonumenta USP e Demonumenta USP.

**Figura 3:**

Vidal da Rocha e Luís Marrone, **Monumento a Pedro Álvares Cabral**, 1988. Bronze, Parque do Ibirapuera, São Paulo. Em sentido horário, créditos a Alesp; São Paulo Antiga e São Paulo Antiga.

**Figura 4:**

Júlio Guerra, **Mãe Preta**, 1955. Bronze, Largo do Paissandu, São Paulo. Em sentido horário, créditos a Cedem UNESP; Alesp, Estadão Expresso e Demonumenta USP.

**Figura 5:**

João Batista Ferri, **Índio Caçador**, 1939. Bronze, Rua Vieira de Carvalho, São Paulo.
Em sentido horário, créditos a Demonumenta USP; Demonumenta USP;
Zanone Fraissat/Folhapress e Demonumenta USP.

**Figura 6:**

Yolando Mallozzi, **Luiz Gama**. Bronze e pedestal em granito, Largo do Arouche, São Paulo.
Em sentido horário, créditos a Demonumenta USP; Alexanre Battibugli/Veja SP e
Raos – Brasil de Fato.

Percebe-se uma preponderância dos bairros mais centrais para que se erijam monumentos; apenas a estátua de Borba Gato se insere num discurso mais específico justamente por ter sido feita para elevar a história local – “o monumento foi concebido pelo escultor Júlio Guerra (1912-2001) para as comemorações do IV Centenário de Santo Amaro”³. Desse modo, observa-se que há um distanciamento entre aqueles que habitam as periferias da cidade e a localização dos monumentos que querem elevar a história da cidade, motivo pelo qual perguntou-se em que local os respondentes residiam, só tendo sido aceitos aqueles que moravam em São Paulo ou Grande São Paulo.

Foram feitas as seguintes perguntas:

- Você reconhece esta obra [a que estava presente]?
- Se sim, explique.
- Quais das obras enumeradas de 1 a 6 [mostrando-se as fotografias das outras obras, incluindo a que estava presente] você reconhece, sabe onde estão ou o porquê de terem sido colocadas na cidade?
- Se sim, explique.
- Qual você considera mais importante para figurar no espaço público?
- Explique.
- Qual você considera menos importante para figurar no espaço público ou que mereceria ser retirada dele?
- Explique.
- Quanto aos dados pessoais, as perguntas foram as seguintes:
- Qual seu nível de escolaridade?
- Qual sua orientação política?
- Qual sua cor autodeclarada?
- Onde você reside?⁴

A partir dessas questões, chegou-se a alguns dados: 71,7% das pessoas afirmaram não reconhecer a obra que lhes estava defronte; das obras que foram reconhecidas, há preponderância da Estátua do Borba Gato; mais da metade dos respondentes consideraram a *Mãe Preta* como a obra mais importante

³ JANOVITCH, Paula. Borba Gato: A estátua mais cafona e polêmica da cidade. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/borba-gato/>. Acesso em 14 mar. 2024.

⁴ Havia a possibilidade apenas de respostas fechadas, que foram compiladas em gráficos (figuras 7 e 8).

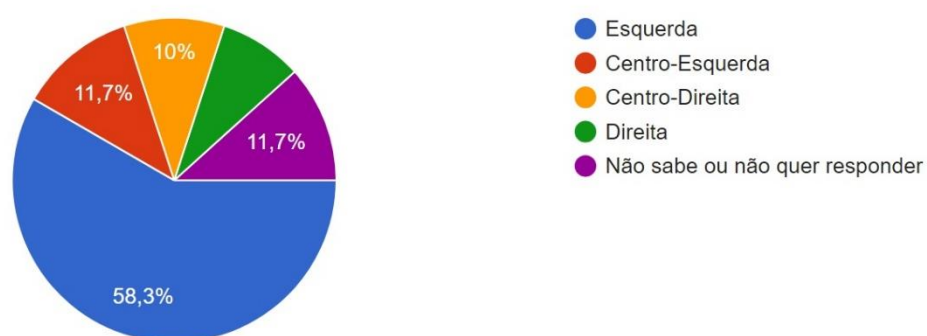
para figurar no espaço público da cidade; em contrapartida, a maioria (cerca de 40%) escolheu a estátua do Borba Gato como a menos importante/mais problemática.

Quanto aos dados socioeconômicos dos entrevistados, observou-se que 53,3% se consideram brancos, ao passo que 35%, pardos e 11,7%, pretos; ao lado disso, a grande maioria (cerca de 58%) se afirma de esquerda [Figura 7], e há grande diferença nos níveis de educação formal dos respondentes [Figura 8].

Figura 7 – Gráfico da distribuição de orientações políticas dos entrevistados

Qual sua orientação política?

60 respostas

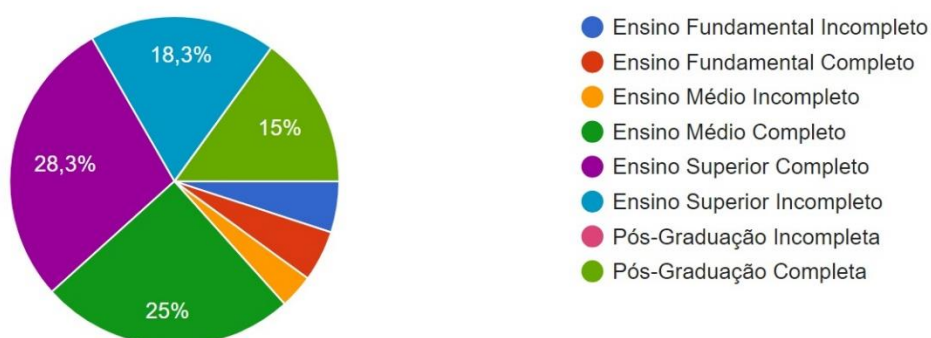


Fonte: Composto pelo autor, 2023.

Figura 8 – Gráfico da distribuição de grau de educação formal dos entrevistados

Nível de escolaridade

60 respostas



Fonte: Composto pelo autor, 2023.

A partir desses dados estatísticos, juntamente àqueles qualitativos (recolhidos através de perguntas abertas, ainda que o questionário tenha sido aplicado de forma igual a todos os entrevistados), pode-se pensar em como esses monumentos, que mais do que obras materiais de teor estético, poético ou artístico/histórico, carregam consigo discursos que se encontram em conflitos entre si, são vistos por diferentes parcelas da população.

Alguns dados que convidam à reflexão

A partir do relacionar o perfil dos entrevistados às suas respostas, conseguiu-se observar alguns dados que, embora não concluam a discussão, convidam à reflexão e à interpretação dessas respostas. Um dado geral é que a enorme maioria dos entrevistados não conhecia o que representava a obra na presença da qual estava. Quando isso acontecia, normalmente a pessoa procurava dotar a obra de um “significado”, muitas vezes de forma aleatória, mas partindo da materialidade da obra. Por exemplo, o Monumento a Pedro Álvares Cabral foi interpretado por diversas pessoas como sendo de um religioso, sobretudo por causa das vestes. Como ele porta uma espada, houve quem, partindo da visão de um religioso, tenha chegado a pensar em algo como um medieval/cruzado. Isso indica que a materialidade da obra, sua compleição formal, é um ponto de partida para que as pessoas que a vêem possam buscar seu sentido no espaço público. De qualquer forma, fica claro que o monumento representa um discurso oficial e um discurso histórico desgastado e problemático quando se lê na página do Governo Estadual de São Paulo que se trata da “escultura do *descobridor do Brasil* [que] tem seu corpo de bronze, mede cerca de 5 metros de altura e representa o início das comemorações no Brasil dos ‘500 anos do *Descobrimento*’”⁵, narrativa esta que não pode mais ser creditada.

Em relação à herma de Luiz Gama, tratando-se de um formato de representação solene e séria, e sendo a obra feita em bronze, ou seja, sem ser pintada de forma a mimetizar a pessoa representada, houve quem não se apercebesse que se tratava de um homem negro. Ignorando esse fato primordial, passava a interpretar as possibilidades de quem seria: um escritor ou um político foram as apostas mais recorrentes. O que fica patente é que “reconhecer a história do homem retratado neste monumento é fundamental para que se dimensione a importância da obra”⁶, o que muitas vezes não ocorreu.

⁵ GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Monumento a Pedro Álvares Cabral. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/monumentos/monumento-pedro-alvares-cabral/>. Acesso em 14. Mar. 2024, grifos nossos.

⁶ KANASHIRO, Isis. Luiz Gama: Homenagem dos pretos do Brasil – A luta por um monumento negro no início do século XX. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/luiz-gama/>. Acesso em 14 mar. 2024.

Da mesma forma, a estátua do Anhanguera, por sua imponência e pela pose representada, várias vezes foi lida como sendo de um “conquistador”, não necessariamente um bandeirante, interpretação esta provavelmente baseada na figura “europeizada nos traços e trajés, [que] se acentua pela posição, que lembra quadros de monarcas europeus, e pela composição semelhante a esculturas de heróis italianos”⁷.

Quanto às representações do indígena e da mulher negra, obras estas que simbolizam não pessoas existentes, mas uma ideia homogeneizadora sobre as raças que perfazem a nação brasileira, houve interpretações interessantes: normalmente as pessoas reconheciam mais facilmente o que essas obras representavam justamente por não se tratar algo que individualiza, mas que, pelo contrário, simboliza de forma ampla tanto o indígena como a negra.

Conforme salienta Giovanna Fluminhan em relação à obra de Batista Ferri, trata-se “de um “índio” idealizado, cujas especificidades para além do figurativo não podem ser determinadas pela observação da obra”⁸. Assim, é claro que é muito mais fácil interpretar o *Índio Caçador* como sendo apenas “um índio” (poucas pessoas falaram indígena) do que saber quem é a pessoa representada na herma de Luiz Gama sem conhecê-lo.

Em relação às figuras históricas representadas nesses monumentos, muitas vezes o que foi dito são ecos das discussões na mídia, sobretudo a partir do incêndio da estátua do Borba Gato; o que se observou é que isso permeou muito as pessoas, de modo que houve interpretações que corriam na mesma direção. Por exemplo, um número razoável de pessoas ligava a figura do bandeirante à do capitão do mato, do senhor de escravos ou do senhor de engenho.

No dia 24 de julho de 2021, enquanto na av. Paulista ocorria mais uma manifestação contra o governo Bolsonaro, um grupo intitulado ‘Revolução Periférica’ se manifestou por outra via. Eles fecharam a avenida Santo Amaro, cercaram o monumento e colocaram pneus no pedestal. Atearam então fogo na estátua e estenderam uma bandeira/legenda da ação que disparou em todos os meios de comunicação: “Revolução Periférica: a favela vai descer e não vai ser Carnaval”. Após o ato e a prisão de um dos participantes, o debate esquentou na mídia. Borba Gato mobilizou a opinião pública e seu corpo nos provocou a pensar o que fazer com estes monumentos de memória difícil presentes na cidade.⁹

⁷ DEMONUMENTA FAU-USP. Anhanguera. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/anhanguera/>. Acesso em 14 mar. 2024.

⁸ FLUMINHAN, Giovanna. Índio Caçador: o índio que ficou fora da República. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/indio-cacador-2/#:~:text=Assim%20como%20outros%20monumentos%20da,despercebidas%20aos%20olhos%20do%20Estado>. Acesso em 14 mar. 2024.

⁹ JANOVITCH, Op. Cit.

Quanto ao eco que essas obras encontraram na memória dos entrevistados, a grande maioria não conhecia a obra na presença da qual estava ou sabia seu significado, o mesmo ocorrendo com as obras vistas em fotografias. Como já se poderia supor, a estátua do Borba Gato foi a mais lembrada pelos respondentes.

Dando especial atenção ao questionamento sobre qual seria a obra mais importante para figurar no espaço público e qual que, não o sendo, deveria ser retirada, foram encontrados dados interessantes e cuja interpretação aponta para algumas direções. Como obra mais importante, foi escolhida a *Mãe Preta* e a justificativa orbitava em torno do valor da maternidade.

É interessante notar também que, apesar de tal obra ter sido feita pelo poder público, isto só se deu através da mobilização da comunidade negra de São Paulo, através do Clube 220, e após muita pressão. Isabela Leite salienta que o monumento havia sido pensado já na década de 1920 numa tentativa de “ressignificar e revalorizar a figura da mãe preta por parte do movimento negro, colando em debate a contribuição destas mulheres na formação nacional”, mas só foi inaugurado em 1955, como uma narrativa a contrapelo daquilo que se fazia em relação aos bandeirantes nas comemorações do IV centenário, tendo esse monumento sido o único dedicado “a figuras negras incluída nas comemorações”¹⁰.

Ao lado disso, a maioria dos entrevistados declarou ser a estátua de Borba Gato a obra a menos importante ou a mais problemática. Deles, apenas uma única pessoa se declarou de direita, enquanto a esmagadora maioria pendeu para a esquerda. Não se quer dizer que a maioria das pessoas que desconsideram importante essa obra somente o faça por se ver na esquerda, mas é algo dado que as pessoas que se consideram de direita escolheram outras obras como desimportantes que não as das figuras dos bandeirantes.

Por fim, é importante dizer que apenas uma única pessoa, dentre as 60 entrevistadas, reconheceu todas as obras.

Considerações Finais

A discussão acerca dos dados coletados, bem como em relação aos próprios monumentos em si ainda está sendo feita. Esta comunicação foi um primeiro momento em que foram apresentados os dados das entrevistas e no qual se procurou correlacionar dados quantitativos àqueles qualitativos.

¹⁰ LEITE, Isabella. *Mãe Preta: Controvérsias e apropriações*. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/mae-preta/>. Acesso em 14 mar. 2024.

Como dito anteriormente, sabemos que a metodologia empregada não é suficiente para chegar a conclusões, mas os dados coletados através dela apontam para caminhos que serão aprofundados posteriormente, apontando também para perguntas a serem respondidas, tais quais (i) Será possível inferir a existência de uma relação entre a orientação política e o modo como uma pessoa lê a existência de uma estátua como a do Borba Gato? (ii) As pessoas negras/pretas/pardas teriam um pendor maior a reconhecer Luiz Gama do que pessoas brancas? (iii) Pessoas com maior grau de escolaridade reconheceriam mais obras, dariam mais valor a elas ou o que interessa mais são as narrativas que se vinculam a estratos sociais e grupos específicos? etc.

O que está em jogo é, na verdade, entender que numa sociedade de classes e levando-se em conta sobretudo um passado de séculos escravocrata e colonial, ligado a uma ideologia cordial, patriarcal, misógina e que ainda opera a estratificação social em vários níveis, uma obra de arte pública não pode representar a coletividade, já que a noção de comunidade ruiu e está em processo cada vez maior de deterioração.

Ou seja, numa sociedade formada por grupos antagônicos, com interesses contrários e com a perene tentativa de dominação de uma elite que nunca quis renunciar a seus privilégios e que, muitas vezes, é a responsável por edificar monumentos que ratificam o discurso oficial, também por ela criado, o que existe são jogos de força que encontram nas obras de arte pública um ponto de inflexão, seja para questioná-las seja para corroborá-las, mas nunca há uma unicidade de valorização desses discursos porque a própria sociedade está clivada. Conclui-se que a arte colocada publicamente pode tentar ser vista como algo coletivo, mas só o é caso se pense exatamente nos grupos sociais com que as obras dialogam.

Referências bibliográficas

DEMONUMENTA FAU-USP. Anhanguera. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/anhanguera/>. Acesso em 14 mar. 2024.

FLUMINHAN, Giovanna. Índio Caçador: o índio que ficou fora da República. Disponível em: [http://demonumenta.fau.usp.br/indio-cacador-2/#:~:text=Assim%20como%20outros%20monumentos%20da,despercebidas%20aos%20olhos%20do%20Estado](http://demonumenta.fau.usp.br/indio-cacador-2/#:~:text=Assim%20como%20outros%20monumentos%20da,despercebidas%20aos%20olhos%20do%20Estado.). Acesso em 14 mar. 2024.

GALASTRI, Luciana. Site traz gráficos que mostram correlações absurdas, 2014. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2014/05/site-traz-graficos-que-mostram-correlacoes-absurdas.html>. Acesso em: 13 mar. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Monumento a Pedro Álvares Cabral. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/monumentos/monumento-pedro-alvares-cabral/>. Acesso em 14. Mar. 2024.

JANOVITCH, Paula. Borba Gato: A estátua mais cafona e polêmica da cidade. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/borba-gato/>. Acesso em 14 mar. 2024.

KANASHIRO, Isis. Luiz Gama: Homenagem dos pretos do Brasil – A luta por um monumento negro no início do século XX. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/luiz-gama/>. Acesso em 14 mar. 2024.

LEITE, Isabella. Mãe Preta: Controvérsias e apropriações. Disponível em: <http://demonumenta.fau.usp.br/mae-preta/>. Acesso em 14 mar. 2024.